

## **Comunicação e não comunicação \***

“A comunicação e a não comunicação”, tema dessa mesa, é o título de um artigo de Winnicott no qual ele se refere a um limite do ser humano, um limite que não pode ser ultrapassado.

Nas cartas que dirige a psicanalistas, nos artigos em que apresenta suas teorias e técnica, trabalhando ou participando nas relações e conflitos institucionais, Winnicott enfatiza, reiteradamente, a importância da independência que precisa ser conquistada pelo indivíduo para que seja capaz de encontrar espaço na vida pessoal, social, cultural e institucional. Não sei até que ponto isso está claro na obra desse autor que por ter reconhecido, com sutileza e delicadeza, a importância da dependência teve seu conceito de maternagem tão mal interpretado que foi entendido como a proposta de uma relação superprotetora, que castraria, através da sedução da mãe, o potencial de autonomia do indivíduo. Essa interpretação é fruto de uma leitura superficial ou então de um malentendido. Concordo com ele quando afirma que a capacidade para reconhecer a dependência absoluta da relação mãe/bebê, no início, corresponde a um estágio de extrema sofisticação, nem sempre alcançável, por homens e mulheres. A dificuldade nesse reconhecimento contribui, diz ele, para o temor à mulher. Penso que podemos pensar também que o temor à mulher e à mãe tornam esse reconhecimento mais difícil. Ter sido concebido e gestado, ter habitado o corpo de uma mulher pode ser uma proximidade muito perturbadora. Veremos quanto caminho deve ser percorrido para que se possa conquistar não só a independência *mas também a capacidade de depender*, de reconhecer a importância do outro, não importa em que nível e em que relação. Winnicott ressalta, então, o papel fundamental do meio ambiente e da dependência na relação mãe-bebê sublinhando nela o que é condição para o amadurecer rumo à conquista da autonomia.

É nesse sentido que não me parece casual a linguagem coloquial que ele utiliza porque ela não permite cópias nem aderências. Não é uma linguagem sedutora com jargões que viabilizem o acesso ao circuito do poder, para quem acredite em suas promessas. Ela faz parte

\* Trabalho apresentado no XVIII Encontro Latino-Americano do Pensamento de Winnicott/2009

de uma postura política e isso está claro na carta que ele escreve a Melanie Klein, referindo-se ao “kleinianismo” como um movimento que devia ser dissolvido para que sua obra pudesse sobreviver. O conhecimento é um bem precioso e trabalhoso e a cada um o seu percurso, de preferência podendo refletir sobre as razões, necessidades pessoais e especificidades de suas escolhas.

Winnicott não está preocupado só com a doença ou com a ausência de doença mas com o que viabiliza o viver criativo - viver de forma pessoal - dar sua contribuição pessoal ao mundo.

Cito um trecho conhecido de um dos seus artigos:

*“Sobre que versa a vida? Podemos curar o paciente e nada saber sobre o que o faz continuar vivendo. É de primeira importância reconhecer abertamente que a ausência de doença psiconeurótica pode ser saúde, mas não é vida.” “Sentir-se real é mais do que existir, é descobrir um modo de existir como si mesmo, de relacionar-se com os objetos como si mesmo e ter um self para retrain-se para relaxamento.” (3)*

Os valores e pressupostos do analista são importantes porque determinam a postura diante do paciente e do trabalho analítico. É condição que o analista valorize a verdade e o viver criativo para que tenha disponibilidade e ache que vale a pena acompanhar um paciente que tenha que percorrer o resgate ou a construção de si mesmo. Não se trata da resolução de sintomas ligados a conflitos intrapsíquicos, não se trata apenas de sobrevivência, trata-se do valor do acesso a si mesmo e da capacidade de reconhecer o específico de si mesmo. Sabemos quanto tempo leva e sabemos que não é fácil. A psicanálise pode ser vista como proposta fora do tempo, da atualidade, sem nenhum atrativo, falando de uma abordagem antiga sem a eficácia sedutora. Mas essa é uma das questões que a psicanálise tem que responder ou problematizar. Quais são os pressupostos, qual é a filosofia de vida e que desejo a sustentam.

Winnicott começa dizendo que para falar de comunicação precisamos falar de relação de objeto cuja importância é fundamental na estruturação do ego e na construção do sujeito. É o olhar materno que significa seu bebê, viabiliza e inicia o seu contato consigo mesmo. Em seu artigo “Distorções do ego em termos de falso e verdadeiro self”, Winnicott refere-se às necessidades do ego e as distingue das necessidades do id. As necessidades do ego dizem respeito às condições necessárias para sua estruturação e para que possa exercer,

progressivamente, sua função maior de representação e simbolização das experiências. A representação e a simbolização das experiências só podem acontecer com a ajuda do filtro de uma mãe que vai cuidar que a experiência não ultrapasse as possibilidades de metabolização e integração do bebê. Ela terá essa função de proteger o bebê de ser invadido seja pelo excesso ou falta das provisões ambientais por um lado, seja pelo transbordamento pulsional por outro lado. Todas essas questões podem ressurgir na relação analítica.

Se as falhas maternas são excessivas, se a ausência é demasiada, se o que acontece é além do que o bebê pode metabolizar, um dos resultados pode ser uma cisão da personalidade entre um falso e um verdadeiro self.

*“Nesse sentido é possível traçar o ponto de origem do falso self, que pode, agora, ser visto como uma defesa, uma defesa contra o que é impensável, a exploração do self verdadeiro, que resultaria em aniquilamento...”*

A comunicação que se dá pelo falso self não é vivida como real, porque é defensiva, não envolve o self verdadeiro que fica protegido mas empobrecido, porque privado da experiência.

*“O núcleo que corresponde ao eu verdadeiro da personalidade nunca se comunica com o mundo dos objetos percebidos e que a pessoa percebe que o self verdadeiro não deve nunca se comunicar ou ser influenciado pela realidade externa. Cada indivíduo é um isolado, permanentemente sem se comunicar, nunca encontrado”.*

*Esta preservação do isolamento pessoal é parte da procura de uma identidade e do estabelecimento de uma técnica pessoal de comunicação que não leve à violação do self central.” (2)*

Essa é uma das afirmações centrais desse artigo. Ao mesmo tempo que o bebê é iniciado no contato consigo mesmo pelo olhar da mãe numa relação de dependência absoluta, essa relação não poderá invadir o espaço que deverá ser preenchido pelos movimentos e pela criatividade do bebê. Winnicott afirma que os adolescentes temem ser estuprados pela análise e temem ser encontrados antes de estarem lá para serem encontrados. Isso ressalta a importância do conceito e do processo de apropriação subjetiva de Roussillon. (4)

*“É uma alegria estar escondido mas um desastre não ser encontrado”.* (2)

Essa afirmação evidencia e lembra a importância do fato de a não comunicação se dar numa relação e numa relação que seja capaz de reconhecer e significar a não comunicação. Isso quer dizer que a não comunicação é sempre uma comunicação. É a comunicação do não.

Um objeto bom só é bom se for criado pelo lactente, diz Winnicott o que corresponde ao conceito de objeto subjetivo. O que quer dizer isso? Não só que o objeto aparece quando o bebê necessita (paradoxo do objeto que é criado porque encontrado) mas também quer dizer que o bebê não é atropelado pela realidade interna ou externa e que, portanto, pode ligar (conceito freudiano de energia ligada) as experiências que está vivendo. A adaptação ao princípio da realidade deriva espontaneamente da experiência de onipotência no relacionamento com objetos subjetivos e deriva também do processo de maturação. Há, nesse processo, uma mudança na natureza do objeto que passa de objeto subjetivo a objeto objetivamente percebido.

Há uma área intermediária, transicional, que é concedida entre a criatividade primária e a percepção objetiva baseada no teste da realidade. Os fenômenos transicionais iniciam o ser humano em uma área neutra da experiência que não será contestada e que funciona como uma espécie de amortizador da tensão do contato com a realidade. Depois de propiciar a ilusão, a tarefa maior da mãe é a desilusão. Se tudo corre suficientemente bem, o bebê vai se tornando apto a viver as frustrações da realidade, sem que estas impliquem em ruptura na continuidade de ser, o que pode querer dizer ruptura na personalidade.

A possibilidade de passar da ilusão à desilusão, em seu próprio tempo, contando com a presença da mãe e da capacidade que ela tenha de estar só sem demandar da criança, permite que esta internalize não só a presença da mãe, mas este próprio espaço onde vai poder fazer suas experiências, descobrir sua vida pessoal e fazer o equivalente ao que no adulto seria chamado de relaxar. Este espaço internalizado é o espaço psíquico. Segundo Winnicott

*“o que quer que provenha de um outro nesse espaço constitui material persecutório sem que o bebê disponha de meios para rejeitá-lo”.* (3)

*“Como o bebê com a mãe, o paciente não pode existir autônomo exceto em conjunção com o analista para deixá-lo ir e qualquer movimento do analista do estado de estar fundido com ele está sob suspeição e ameaça com o desastre.”*

A forma de viabilizar o luto pela separação é pelo espaço potencial, transicional, que vai permitir a continuidade entre interno e externo que vai levar à diferenciação e ao objeto

objetivamente percebido e a si próprio objetivamente percebido, dentro do tempo e medida da criança.

*“ Mais perigoso é o estado de coisas que surge quando ao analista é permitido chegar perto do núcleo verdadeiro, enquanto objeto subjetivo ou por causa da dependência na psicose da transferência. Aí há o perigo do analista interpretar ao invés de esperar que o paciente descubra criativamente. É somente aqui, no lugar em que o analista ainda não mudou de objeto subjetivo para um que é objetivamente percebido que a análise é perigosa. Se esperarmos, seremos percebidos objetivamente no devido tempo do paciente, senão subitamente nos tornamos não eu e então sabemos demais e ficamos perigosos por estarmos próximos do núcleo central quieto e silencioso da organização do ego do paciente.” (2)*

Quando a separação é precipitada pela diferenciação precoce, a criança perde não só a mãe, mas perde a si mesma, perde-se de si mesma e não consegue realizar a internalização da mãe. A partir daí, em função da dependência, ela fica aprisionada à mãe concreta. Além disso, como salienta Winnicott, o lactente se dá conta da imensa dependência e do poder do outro o que pode desencadear uma vivência de esmagamento ou incrementar o sentimento de inveja.

Vemos que o que é traumático muda necessariamente em cada fase do desenvolvimento. No início, o trauma consiste na ameaça de abandono vivido como ameaça de aniquilamento, impossibilidade de estruturação do ego. Na fase de separação do objeto, fase a que se refere esse trabalho, o traumático é a ameaça de não reconhecimento da alteridade da criança, do seu direito à autonomia e autoria diante da própria vida. Essas são ameaças muito intensas e importantes porque dizem respeito ao direito à vida, à liberdade, significa ser visto e reconhecido como uma pessoa. Nesse sentido, ele afirma que a experiência mais importante com relação ao objeto bom é a recusa do mesmo.

*“As experiências traumáticas que levam à organização de defesas primitivas fazem parte da ameaça ao núcleo isolado, da ameaça de ele ser encontrado e alterado. Estupro, ser devorado por canibais são bagatelas se comparados à violação do núcleo do self, alteração dos elementos centrais do self pela comunicação varando as defesas. Isso é o pecado contra o self.” (2)*

A ameaça ao direito à alteridade equivale a uma ameaça de morte. Como poder ser isolado sem ter que ser solitário, pergunta Winnicott ? Como pensar o limite entre a angustia de abandono e a de intrusão? Antes da diferenciação eu/nãoeu, a psicanálise pode ser vivida como

uma ameaça ao ser humano em sua necessidade de autonomia e afirmação da própria identidade. Essas observações implicam conseqüências técnicas importantes e sublinham a importância da transicionalidade. Antes da instalação do espaço transicional, da possibilidade de estar só na presença da mãe, da internalização da mãe, não há diferenciação eu/nãoeu e o que existe é **ou eu ou o outro**.

Winnicott refere-se à importância de ter um segredo o que significa poder dizer não. Ele sublinha a importância de ver a não-comunicação do paciente como um fenômeno positivo e nos perguntarmos se a técnica permite ao paciente comunicar que ele não está se comunicando.

Em seu artigo “O direito ao segredo: condição para poder pensar”, Piera Aulagnier afirma que o direito de tudo dizer é expressão de liberdade mas a obrigação de tudo dizer implicaria em um estado de escravidão absoluta. A possibilidade de criar pensamentos e de escolher os pensamentos que serão comunicados é uma condição vital para o funcionamento do Eu. (5)

Se é pela transicionalidade que se viabiliza a discriminação e diferenciação eu/nãoeu, a patologia da transicionalidade está na base dos quadros em que esse processo não foi possível.

Para Roussillon, o negativismo só se desenvolve pela falta de uma verdadeira negação fundadora de uma tópica em duplo limite. Em seu artigo sobre a reação terapêutica negativa ele afirma que nesse quadro clínico vemos reminiscências de experiências não historicizadas, clivadas, e que quando surge é a evidência de que um núcleo traumático do processo de ligação/separação está no ponto de atualizar-se no espaço analítico. (6)

Continuando na reação terapêutica negativa como exemplo de negativismo e do traumático processo de ligação/separação, Pontalis usa a palavra possessão para se referir a um vínculo tão maciço que interdita toda ligação ou desligamento. Afirma ele que, para esses pacientes, qualquer interpretação é vivida como eminência de uma ruptura da mãe ou do analista. Qualquer progresso é uma antecipação de uma separação irremediável. “Pouco importa o que isso me custe e o que custe a você, desde que dure”. A análise terminável é para eles o fim de tudo. Pontalis, nesse artigo sobre a reação terapêutica negativa, refere-se à força que se manifesta pelo domínio do não. (7)

Voltando ao limite que não pode ser ultrapassado, vemos que ele diz respeito ao que Winnicott chama de isolamento, espaço necessário para a afirmação e consolidação da própria alteridade e identidade que só pode acontecer plenamente na relação com o outro. A alternativa a isso é, na maioria das vezes, o adoecer gravemente.

### **Bibliografia**

- 1) Winnicott D.W., (2000), Da pediatria à psicanálise, Imago, Rio de Janeiro
- 2) Winnicott D.W. The maturational processes and the facilitating environment,
- 3) Winnicott, D. W., 1971, Playing and reality, Tavistock Publications
- 4) Roussillon René, 2001, Le plaisir et la répétition, Dunod, Paris
- 5) Revista Brasileira de Psicanálise, Vol.XIV, No.2, 1980
- 6) Roussillon, René – 1999. Paradoxes et Situations limites de la Psychanalyse. Presses Universitaires de France.
- 7) Perdre de vue (Perder de vista), Éditions Gallimard, 1988

Rosa Maria Raposo de Almeida Albé  
Rua Visconde de Pirajá, 330/907 – Ipanema

Rio de Janeiro – Brasil

Tel.: 22474938

97693110

rosaalbe@uol.com.br